

mudar a



vida

publicação do graal

Publicação bimestral — 30.00



PORTE PAGO

59.

ABRIL/MAIO 1986

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*



TRABALHO A MEIO TEMPO?

(UM CENÁRIO POSSÍVEL)

OS OBJECTIVOS DO TRABALHO

Quer vivamos presos à duração breve da vida, quer vivamos mais ligados ao tempo eterno, cada um de nós tem dentro de si um relógio que bate *n* vezes por minuto, multiplicado por sessenta, e por vinte e quatro, ou por doze ou por cem, e Deus sabe como são complicadas todas essas multiplicações.

Uma sociedade, tal como um indivíduo, define-se pelo emprego do seu Tempo.

A nossa, quer dizer, a sociedade industrial, tem um emprego do tempo escolar, com as suas horas de trabalho todas seguidas, marcando-se, nos intervalos dessas horas, uns quadradinhos coloridos com a indicação de «férias».

São superfícies desiguais, cinzentas — de quarenta horas por semana, onze meses por ano, quarenta anos por vida —, apenas intervaladas por uns tracinhos cor-de-rosa correspondentes às férias, superfícies essas que acabam por desembocar directamente no tempo da reforma.

Cores diferentes, como a luz vermelha e a luz verde dos itinerários sincronizados, que simbolizam os momentos de tensão e os momentos de prazer.

O homem da sociedade industrial, com efeito, organizou uma repartição do seu tempo em que cada vez é maior o contraste entre tempos de trabalho e tempos de descanso, que tendem cada vez mais a opor-se

radicalmente entre si, como o tempo do Paraíso se opõe ao do Inferno.

O que se deseja é que o trabalho seja cada vez mais fácil, que dê maior poder de compra, que dure menos tempo. Mas não se encara sequer a possibilidade de que ele venha a tornar-se num lugar de empenhamento afectivo.

Na melhor das hipóteses, o trabalho deverá permitir que se possa disfrutar de mais prazer noutro lugar que não o do trabalho.

O trabalho tornou-se, enfim, num vasto sistema que permite comprar, a pronto ou a crédito, satisfações que lhe são totalmente exteriores.

Raramente se concebe que o objectivo da vida seja «eu quero saborear o mais possível a minha vida activa», ou seja, o «meu trabalho».

O objectivo essencial do trabalho é apenas dar meios para se poder comprar o tempo de férias. Brincando com o paradoxo, poder-se-ia dizer que o encanto essencial duma actividade consiste, antes de mais, em conquistar os momentos em que ela não é exercida.

Para quem duvidar, bastará observar os trabalhadores da sociedade industrial quando, nas suas manifestações de rua, reclamam, não que a sua actividade se torne «mais interessante», mas antes, que se lhes diminua o tempo de trabalho e que se baixe o limite de idade para a reforma.

Guy Aznar, in «NON aux loisirs NON à la retraite», Éditions Galilé, Paris, 1978

PARA ALÉM DA MONOTONIA

O cenário que nos propomos desenvolver é, antes de mais, uma proposta moral ou, se preferirmos, ideológica, efectuada em função de um sistema de valores. Situa-se, portanto, para além do económico.

O seu postulado fundamental é o seguinte: **todo o projecto de sociedade que propõe aos cidadãos dispensarem a totalidade da sua energia a tempo inteiro, numa actividade que não lhes traz qualquer satisfação, é intrinsecamente mau.**

O mesmo é dizer que todo o projecto de sociedade que propõe aos cidadãos consagrarem 40 horas por semana a um trabalho — **odioso**, na pior das hipóteses, **monótono**, na melhor — com o único objectivo de lhes permitir ganhar a vida, não é um projecto de existência; é um regime de caserna.

A verdade é que existem ainda nas nossas sociedades trabalhos que não podemos deixar de considerar odiosos. Trabalhos insalubres, perigosos, fatigantes, cuja existência é parcialmente escondida pelo facto de, nos países mais ricos, serem realizados por trabalhadores emigrados — forma moderna de escravatura que consiste em confiar a estrangeiros as tarefas que os trabalhadores «normais» se recusam a realizar.

Mas não é só a esses trabalhos que aqui nos referimos. É ao conjunto do trabalho, qualquer que ele seja: nas fábricas como nas repartições, do topo à base das estruturas sociais. Por toda a parte, grassa uma imensa lassidão, uma crescente indiferença, provocada por trabalhos monótonos e rotineiros. Trabalha-se porque não há outro remédio, a contar as horas, a contar os dias, sabendo que o essencial da vida se passa noutro lugar.

Fala-se muito da melhoria das condições de trabalho, procura-se suprimir o carácter perigoso, tóxico, nocivo, de certas ocupações. Mas não se discutem suficientemente as questões de fundo: o trabalho em cadeia, a impossibilidade do trabalhador dominar as tarefas que executa.

O acto de produzir está fundamentalmente desestruturado, fragmentado. Primeiro, com a taylorização, estandardizaram-se os gestos, reduziu-se o operador a um sistema de reflexos. Em seguida, com os sistemas electrónicos, a robotização, o ritmo de trabalho dos computadores passa a ser determinado pelos próprios computadores.

E então?

Não é nossa intenção pôr em questão os benefícios do progresso técnico. Defendemos apenas que, se os trabalhos «sem coração» são necessários e tendem a aumentar, é preciso que a seu lado se multipliquem outras actividades. Trabalhem, pois, a meio tempo e façamos outras coisas paralelamente.

O carácter fastidioso do trabalho decorre, muitas vezes, da sua monotonia: o mesmo gesto, a mesma operação mental, unicamente manual ou unicamente visual, diante de uma máquina ou a arranhar o papel.

O meio tempo, qualquer que seja, permite compensar a monotonia através de uma actividade diferente, a realizar durante o segundo meio tempo: trabalho manual e trabalho intelectual; trabalho num escritório e trabalho ao ar livre; trabalho sobre as ordens dos outros e trabalho de livre iniciativa; por vezes gestos rápidos, outras vezes gestos lentos; umas vezes sentados, outras vezes de pé; umas vezes concreto, outras abstracto; nuns casos público, noutros privado. A pessoa é múltipla, o trabalho também o deveria ser.

MINI-MUDANÇAS

O princípio de um «cenário» prospectivo é o de apresentar um mosaico de ideias que se completam, como um puzzle.

Não se trata de uma proposta única, mas de uma família de ideias. Porque a chave de toda a mudança social é precisamente essa: Tudo tem a ver com tudo. Trabalho, férias, escola, urbanização, descentralização, emprego, energia, etc. ... todas as variáveis se interpenetram.

Os condicionamentos sociais, económicos e políticos estão de tal modo interligados que é impossível avançar um pequeno passo sem fazer tremer todo o edifício.

O sucesso da mudança social depende menos do efeito espectacular de uma grande inovação do que da soma de mil mini-mudanças convergentes num mesmo sentido.

Daí o risco de nos deixarmos tomar pela inércia. Mudar tudo em toda a parte é de tal modo complicado que preferimos não mudar nada.

O objectivo de um «cenário» é o de propôr uma imagem global, construir um modelo imaginário, definir um objectivo a atingir.

Que esse objectivo seja ou não conseguido é outra questão. Quem o escolhe tem, pelo menos, uma razão para se pôr em marcha.

UM DUPLO SENTIDO

A palavra trabalho é, em si mesma, uma palavra ambígua. Cobre dois conceitos distintos da actividade humana. Importa, pois, esclarecer essa dupla significação.

Ponto comum aos dois conceitos é o facto de que todo o trabalho implica um gasto de energia, uma combustão de calorías. Nesse sentido, a própria vida é trabalho, os pulmões trabalham, os músculos trabalham sempre que pretendemos mover-nos.

A diferença consiste em distinguir o trabalho sim-

plesmente mecânico, de que permanecemos exteriores, do trabalho onde a nossa afectividade se implica e onde passamos a encontrar sentido.

Trabalhar, que deveria ser um verbo transitivo — eu trabalho o ferro, eu trabalho a madeira, eu trabalho a terra — converteu-se em verbo sem objecto. Por isso se utilizam as expressões: «ser empregado de», «criar empregos», «aumentar a produção». «Ter um emprego» é desempenhar um papel na cena social, nada mais.

Se o trabalho não tem como objecto um produto identificável, não é possível o trabalhador implicar-se nele. A afectividade tem necessidade de um objecto para se investir, para se descarregar. Como posso eu deixar a minha marca, dar algo de mim, a qualquer coisa que não tem existência autónoma, que não é reconhecível?

Assim se compreende que um artesão, um camponês, um trabalhador por conta própria estejam, de um modo geral, mais implicados na sua produção que um operário metido na cadeia de produção ou um empregado do sector terciário.

A existência de uma produção identificável tem ainda uma outra consequência: o objecto é um mediador entre mim e os outros. Se fabrico um objecto identificável — uma cadeira, por exemplo — é a cadeira que eu vendo. Quer dizer: troco a minha produção pela produção de um outro. Quando deixa de haver objecto produzido, que posso eu oferecer? Apenas o meu tempo, a minha própria pessoa, a minha identidade. Como escreve Ivan Illich: «o criador de uma obra propõe ao mercado o fruto da sua actividade

O camponês e o trabalhador oferecem-lhe a sua força e a sua competência. O funcionário e o operador convertem-se, eles próprios, em mercadoria».

Em resumo: num futuro previsível as tarefas a realizar serão cada vez mais robotizadas, automatizadas, abstractas, monótonas, fastidiosas. Mas para a sociedade funcionar elas terão de ser feitas. Confrontamo-nos, portanto, com duas hipóteses:

- ou o trabalho a tempo inteiro ao longo de toda a vida, alternando 30 a 40 horas de trabalho semanal com um fim-de-semana preenchido por indústrias de tempos livres;
- ou o trabalho a tempo parcial generalizado, em que as tarefas não identificáveis são repartidas por um maior número de pessoas. O outro «meio-tempo» ficará então disponível para reinventarmos outros modos de actividade: Auto-produção ou novo artesanato, trabalho por conta própria ou em equipe.

O duplo emprego não é assim concebido como uma simples proposta conjuntural ou uma solução de recurso para os desempregados. É uma fórmula indispensável para podermos reencontrar o duplo sentido da palavra trabalho.

Guy Aznar, in
«Tous à mi-Temps,
ou le scénario bleu»
Seuil, Paris, 1981.



Fundação Cuidar o Futuro

SOCIEDADE BIPOLAR

O interesse de um cenário «bipolar» é permitir-nos assumir as duas dimensões da vida, presentes nas sociedades de hoje: de um lado, a macro-sociedade plenária, multinacional, gigantesca, tecnológica, fria, produtivista, eficaz; do outro a micro-sociedade próxima, associativa, convivial, quente, lenta, económica.

Em certos momentos, para certas coisas, avançar repressa, utilizar as técnicas mais modernas. Em outros momentos, andar devagar, ficar em casa, fabricar à mão.

Quando é preciso, tomar um avião supersónico; quando não é, preferir a bicicleta. Uns dias utilizar a temática para encomendar um congelado; outros dias deixar levedar pacientemente a massa do nosso pão preferido.

Meio tempo ao serviço da mecânica colectiva; meio tempo para cultivarmos os talentos que nos são próprios, os gostos e as aptidões que nos tornam únicos.

Guy Aznar, *ibidem*



EQUILÍBRIO HOMEM/MULHER

Uma das consequências deste cenário é clara. Se o homem passa a trabalhar a meio tempo, o lugar das mulheres no mercado de trabalho passa a ser outro.

Se ambos escolhem o meio tempo, a repartição das tarefas e dos benefícios será, necessariamente, mais igualitária. O trabalho obrigatório será repartido entre ambos; e as tarefas domésticas também.

Imaginemos um casal em que o marido trabalha de manhã e a mulher de tarde. É ele que vai buscar os filhos à escola e que prepara a refeição da noite. O trabalho doméstico, considerado repetitivo e monótono passa a ser dividido por dois. O pai deixa de ser o herói distante que regressa a casa fatigado para estar e conversar com os filhos.

Globalmente há uma mudança nos estatutos e nos papéis sociais do homem e da mulher.

O homem, que realizava até agora um trabalho ingrato, monótono de oito horas por dia, sem esperança de outra coisa, passa a ter diante de si metade do tempo livre para respirar.

Por que preço? poderá perguntar-se. É certo que abandona o inferno para lá ser medida a mulher. E qual será afinal a promoção que representa para as mulheres, o ficarem fechadas horas num gabinete sinistro, num escritório barulhento ou diante de uma máquina infame? Por um lado, como já se disse, o carácter odioso, monótono, rotineiro do trabalho deve-se em parte ao facto de ele ocupar o dia todo: das 8 da manhã às 8 da noite, até ao infinito, sem esperança de uma saída. É isso o que provoca vertigem e náusea. O mesmo trabalho realizado a meio tempo poderá ser apercebido de uma forma diferente. Não passará com certeza a ser visto como uma grande alegria, mas eventualmente como a aceitação de uma regra de jogo colectiva, de uma necessidade económica, que existe, sim, mas sem devorar a vida toda.

De qualquer modo, trata-se de uma escolha, que, como tal, não será feita por todos. Neste cenário cada um é livre, e o simples facto de poder escolher modifica já profundamente as coisas. Deixa de haver pois uma condenação histórica a ser dona de casa ou alfaiate a vida inteira, passando a existir a opção de um certo tipo de relações.

Hoje em dia, porém, o que acontece é que o meio-tempo, especialmente o feminino, vai de par com os

empregos sub-qualificados, mal pagos, sem garantias, criados por condescendência, quase às escondidas. As condições não parecem fáceis de alterar; exigem antes de mais a definição de um verdadeiro estatuto legal do meio tempo, cujas características teriam de ser cuidadosamente estudadas.

O certo é que a verdadeira mudança virá do movimento que à volta disto se gerar. É a dinâmica que cria a transformação. Enquanto o meio tempo permanecer um fenómeno raro, será sem dúvida marginal como situação. Mas tudo se altera a partir do momento em que a excepção se torne regra: quando o facto de ter a tempo inteiro um emprego fastidioso e sem alma for visto como um caso excepcional e aberrante. Nessa altura o movimento muda de sentido. Em vez de ser centripeto — os indivíduos vivendo para a empresa, como um meio parcial de aceder ao culto —, ele torna-se centrífugo: movimento dos alienados do trabalho a tempo inteiro que dão um passo para a liberdade. A dupla mudança que aqui preconizamos — o homem abandonando o tempo inteiro, a mulher entrando no tempo parcial — parece-nos adquirir precisamente um significado simbólico que marca bem o lugar que deve ocupar o trabalho obrigatório.

Deixará de ser um monstro devorador, fatalmente condenado, para passar a ser apenas o justo preço que é necessário pagar para fazer andar a máquina social e manter o equilíbrio das famílias e dos grupos.

Fundação Cuidar o Futuro

CRISE DE PROJECTOS

Renunciar a fazer projectos, desistir de fazer o balanço do curso das coisas, é aceitar ser conduzido pelos acontecimentos, condenado a suportar o que não deseja. Como um pedaço de cortiça ao sabor das ondas...

Um cenário é, antes de mais, um projecto de acção, quer dizer: um projecto político.

As sociedades industriais deixaram de ter pro-

jectos. Mais do que a crise de energia é a crise de projectos que nos ameaça.

Num momento em que avançamos calmamente, de olhos vendados, pelos corredores do impossível (porque já não é possível acreditar na sobrevivência das sociedades industriais face a um terceiro mundo onde a fome alastra) imaginar não é um luxo: é um reflexo, um acto de sobrevivência.

Guy Aznar, *ibidem*

Publicação bimestral. Assinatura anual: 200.00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DGCI com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.